



Revista

bué fixe

de jovens para jovens

ARTE URBANA

NESTA EDIÇÃO:

IDEIAS QUE VALEM A PENA:

SARAH MALDOROR

SAÚDE, CORPO + MENTE:

CUIDAR DE NÓS E DOS OUTROS

Nota Editorial

São novos tempos, novos desafios e perante as adversidades que se colocam à nossa frente nesta atualidade, a Bué-Fixe apresenta a primeira edição exclusiva digital.

Numa altura em que as ruas continuam vazias em muitas partes do mundo, abordaremos o tema **Arte Urbana**, dando foco às expressões da sociedade daqueles que escolheram as ruas como o palco principal.

Foram entrevistados dois artistas de duas distintas mas interligadas vertentes desta cultura, **Bicão** que representa uma vertente activa, artística e de intervenção social e **Aleh Santos** músico que tem levado o seu conceito para as ruas. Abordaremos ainda a ativista/realizadora **Sarah Maldaror** ilustrada pela artista **Aicy**.

Nesta edição contamos com um tópico sobre a saúde perante a situação atual mundial e ainda a apresentação do interessante projecto de poesia **Slamadora**.

Boa Leitura!

Boa Leitura !

Maria Fernandes

Ficha Técnica

Redatores: Carla Veiga, Bicão, Aleh Santos , Anna Pegna , Maria Fernandes.

Ilustração: Aicy Fernandes
Designer: Va Nancassa
Editora: Maria Fernandes



ACM

ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES, I.P.

ARTE URBANA

O homem, desde a pré-história, sentiu necessidade de se expressar no meio que o rodeava através de inscrições em rochas, muros e paredes, sendo exemplo disso a arte rupestre e a forma como os egípcios representavam a sua história nas paredes dos palácios e templos. Os povos gregos e romanos também transmitiam mensagens pelas ruas da cidade através de desenhos.

Durante muito tempo foi considerada arte marginal mas com o passar do tempo passa a ser vista como um "valor cultural" muito significativo para as minorias que anseiam em mostrar sua arte.

A presença feminina ainda é muito reduzida comparativamente à maioria masculina, já consagrada nestas expressões, no entanto, apesar dos obstáculos encontrados pela mulher ao longo dos tempos, esta tem conseguido evoluir artisticamente.

Arte Urbana... Para que serve? Incomodar? Provocar? Embelezar? Fazer pensar? Penso que é tudo isso...É, acima de tudo, uma forma de arte ao alcance de todos.

Carla Veiga



BICÃO

ARTISTA PLÁSTICO
RECONHECIDO PELO SEU
TRABALHO NAS ARTES
PLÁSTICAS E NAS VÁRIAS
INTERVENÇÕES NAS RUAS. É
UM DOS CONVIDADOS DESTA
EDIÇÃO SOBRE O TEMA DA
ARTE URBANA.

Quando e qual foi a tua primeira abordagem no contexto da tua arte?

A minha primeira abordagem terá sido antes ainda de entrar para a escola secundária onde comecei a estudar arte. Foi na rua onde cresci e senti que precisava de comunicar a outro nível. Estava a começar a andar de skate e queria dizer ao mundo que tomei esta iniciativa. Era uma atividade nova para mim e que fugia a uma certa normalidade portanto era como uma afirmação perante o mundo. Pinteí skate a spray no prédio onde vivia, nas traseiras que davam para a uma rua onde todos brincavam. Estava a dar os primeiros passos num caminho novo mas muito poderoso. Toda a dimensão de transmitir algo através das paredes ou instalações de maneira a comunicar ideias e debatê-las foi muito preponderante

na minha vida. Uma das novidades era a maneira de comunicar que não usava os canais mainstream ou oficiais projectava uma nova maneira de viver a vida interpretar e de comunicar com o mundo.



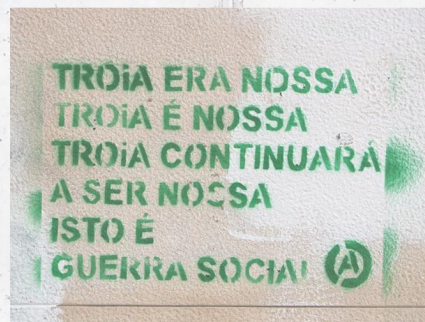
Consideras a tua vertente dentro de um conceito de reflexão?

Para mim a abordagem que escolhi está dentro de um conceito de reflexão. No início talvez não se enquadre tanto nesse conceito, no entanto com o “andar da carruagem”, a reflexão tornou-se uma das partes essenciais das minhas intervenções. Hoje em dia uma das coisas que me dá vontade de perceber é a reflexão que cada um faz sobre uma intervenção... e discutir suas ideias ainda mais.

Quando te exprimes ao criar arte, especialmente se és espontâneo, sai do teu interior das tuas entranhas... Muitas vezes não estás vocacionado para a reflexão... Contudo mesmo assim houve um processo reflexivo antes que criou uma predisposição para reagir de certo modo a certos estímulos. Penso que a reflexão, no que toca a arte de intervenção, surge em duas etapas.

A primeira tem a ver com uma fase de preparação da acção em si, os seus objectivos, o que queremos fazer, como fazer e o que queremos alcançar. A segunda tem a ver com a análise, construção de crítica e debate sobre algo que nos condiciona, oprime ou simplesmente algo que apreciamos. Através da reflexão conseguimos alcançar outros patamares de compreensão e criar ligações entre ideias que vão complementando a nossa visão crítica do mundo que nos rodeia. É um processo muito interessante e estimulante para quem está interessado.

A comunicação ganha outra pujança e ultrapassa o mundano. Admito que a preocupação nem sempre é estética porque o mais importante é a mensagem ser lida e debatida por todos. Estão ali para que as questões e ideias que expressam não sejam abafadas ou manipuladas pelo silêncio que faz parte das grandes campanhas do poder para consumir, desinformar, impor leis ou prejuízos.



Vês esse mesmo conceito como suscetível a debate, ou de sentido estanque, a medida em que é a tua obra artística é pessoal e não deve necessariamente ter um significado de opinião?

Vejo este conceito apropriado e indicado para debate, pois só assim é possível crescer, construir uma visão crítica mais vasta do mundo e dos seus mecanismos. Ao fazer uma análise, um debate, partilha de ideias diversas podemos construir uma percepção consistente do mundo e como este funciona. Há que perceber as diferentes realidades, diferentes hábitos e diferentes vontades com os seus diversos contextos incluídos. Estamos sempre a aprender, a partilhar, a construir a nossa visão do mundo perante novas intervenções.

Acaba por ser pessoal pois parte de ti e da tua opinião sobre o assunto com toda a experiência que adquiriste sobre a vida. No entanto por ser pessoal não tem que ser hermético ou impermeável. A maior parte das vezes além da vertente artística a mensagem está quase sempre presente para a tal reflexão. Prefiro de longe, as paredes cobertas de

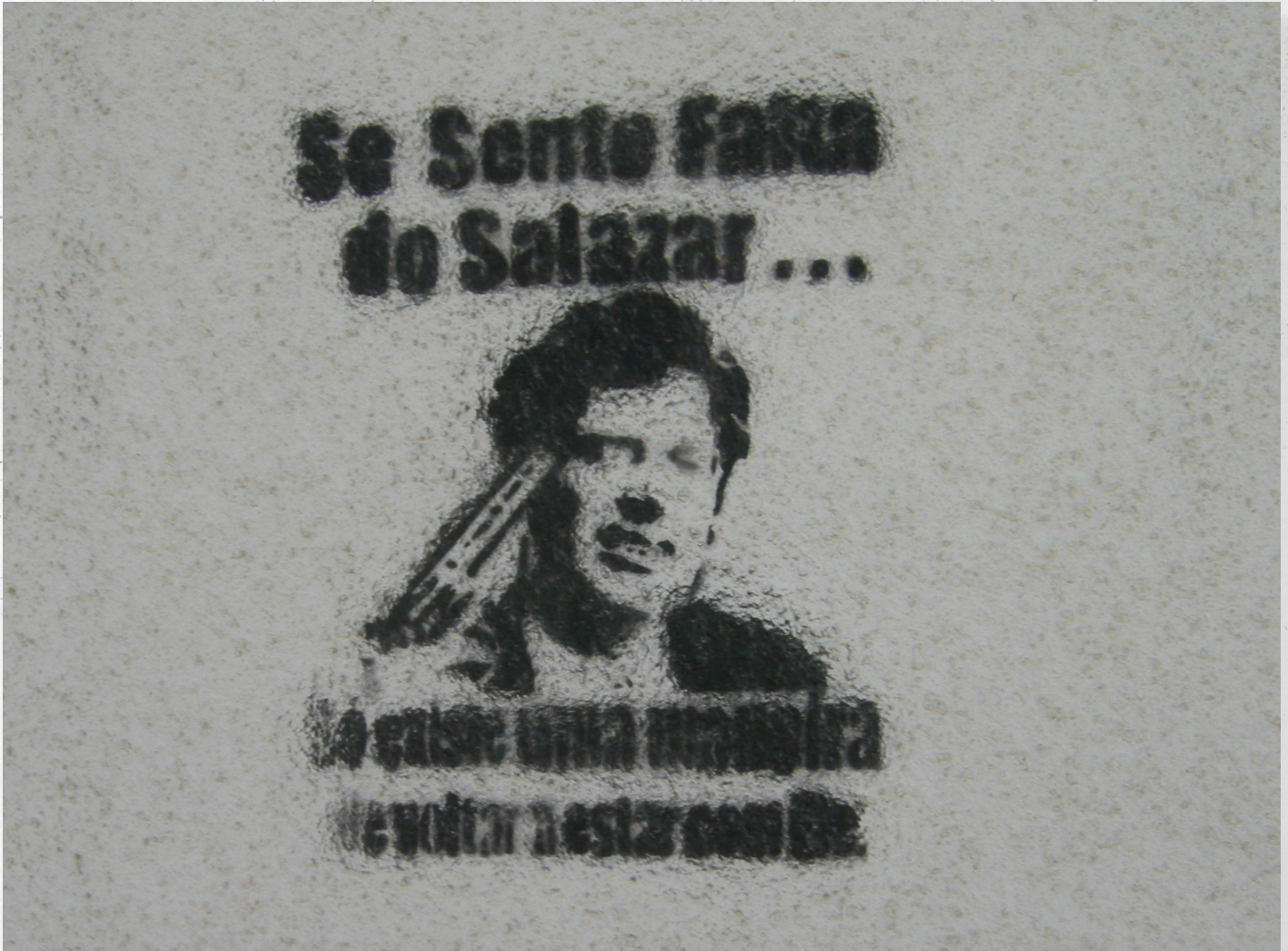
expressões de pessoas por mais feias que possa achar, que um povo mudo, reduzido na sua capacidade e na sua inteligência. Mesmo que não queiramos ter um significado haverá sempre um para quem aborda as intervenções.

Descreve-nos uma das tuas obras (foto) e qual o conceito da mensagem?

Esta obra foi um dos primeiros stencil que fiz. Como se pode ver é sobre o Salazar (ditador do estado novo em Portugal) e os saudosismos sobre ele. Diz o seguinte: "Se sente falta do Salazar (seguida por uma imagem de um tipo com um ar queixoso a apontar uma arma à sua cabeça) só existe uma maneira de voltar a estar com ele."

É uma mensagem que visa todos os admiradores de Salazar ilustrada por desenho simples que completa a mensagem dando ênfase a ideia que se quer transmitir. Muita gente apela e fala do ditador como um homem íntegro, um salvador da pátria, tentando humanizar e suavizar suas políticas e posturas. Muitos queixam-se... Se o Salazar voltasse é que era bom. Já estava farto de ouvir estes comentários saudosistas além de que muitas vezes nem era possível discutir ou refutar tais

ideias visto a abordagem ser provocativa e não haver qualquer vontade de debater. Tornou-se evidente que não havia nada para falar, apenas dizer que não há espaço para fascistas. Entre conversas com companheiros sobre o tema, algum tempo depois, um colega concebeu esta imagem. Fizemos posters, flyers, espalhando por muitos sítios e pouco tempo depois decidi replicar em stencil a imagem concebida pelo colega. Um modo de responder a esta gentalha e de mostrar que as novas gerações estão atentas.





ALEH SANTOS

MÚSICO BRASILEIRO A RESIDIR ATUALMENTE EM PORTUGAL. É ARTISTA FORA DO CONTEXTO VISUAL ARTÍSTICO DAS ARTES PLÁSTICAS E QUE REPRESENTA AQUI UMA DAS VERTENTES MAIS PERFORMATIVAS DE RUA. A MÚSICA.

Quando e qual foi a tua primeira abordagem no contexto da tua música?

Aos 11 anos de idade através da observação de muitos familiares músicos, como meu pai por exemplo que tocava guitarra e adorava cantar, mas o meu desenvolvimento na música se deu com a prática diária em meio à comunidade evangélica durante anos.

O que te levou enveredar pela mesma?

Profissionalmente falando foram muitos amigos, ainda no Brasil, em especial Renan Rosa quem me incentivou a encarar a música de maneira profissional.

Porquê escolher a rua como palco?

Porque comecei a cansar de tocar praticamente todas as noites no mesmo local durante anos e mais uma vez, através do incentivo de um amigo, fui encorajado a experimentar a atuação nas ruas.

Para ti, qual é a principal diferença numa performance em espaços fechado de uma performance de rua?

Fica difícil citar apenas uma como principal, tenho dois grandes motivos, a espontaneidade dos ouvintes em apreciar a música ou comprar-nos um disco ou mesmo colocar uma moeda no chapéu, quando param é porque foram tocados pela minha música e a interação com os outros músicos.

Vês a tua arte mais numa vertente interventiva ou mais a nível de entretenimento?

Isso depende do mood do meu dia e da sorte do passante ao ouvir uma canção de intervenção e protesto ou em outro momento ouvir uma canção que fale de alegria e paz interior!

No teu percurso qual a situação que mais te marcou?

Alguns encontros me marcaram, como o que tive com o grande e talentoso artista popular brasileiro Alceu Valença que numa noite passou em frente a mim entrou em minha onda, dançou enquanto eu cantava e tocava...outra vez foi ver todas as pessoas em uma praça cantando e dançando comigo e por último, as crianças...é lindo de ver a reação delas...algo que é impossível nos bares!

Com a qual situação mundial de pandemia e afetando principalmente a cultura, quais os teus maiores desafios?

Bem...meu maior desafio assim como os de muitos outros é tentar se manter até o momento em que tudo volte a normalidade pois nós do setor musical dependemos exclusivamente de outros setores para trabalharmos!



[WWW.FACEBOOK.COM/ALEHSANTOSLISBOA](https://www.facebook.com/ALEHSANTOSLISBOA)



IDEIAS QUE VALEM A PENA

Na rubrica **Ideias que valem a pena** desta edição, prestamos homenagem à realizadora e ativista francesa **Sarah Maldoror**.

Nascida em França no ano 1929, **Sarah Maldoror** cujo o nome artístico foi inspirado na obra “Les Chants de Maldoror” de Lautréamont, foi sem dúvida uma das principais pioneiras no que diz respeito no cinema africano, na preservação e no uso da cultura como forma de protesto contra a opressão no movimento anticolonialista.

Foi cofundadora da companhia de teatro Les Griots, a primeira companhia de teatro composta unicamente por atores de africanos, uma das suas primeiras produções foi “A Tragédia do Rei Christophe”, de Aimé Césaire, um dos fundadores do movimento da negritude.

Em 1969, realizou a sua primeira curta metragem “Monagambé” inspirado na obra do escritor angolano José Luandino Vieira (A Vida Verdadeira de Domingos Xavier) Em 1972, Maldoror ganhou um Tanit d’Or no Festival de Cartago, com “Monangambe”.

Um dos seus principais filmes, “Sambizanga” (1972), retrata o papel da mulher durante a guerra civil de Angola, onde a cineasta viveu durante anos.

Arrecadando vários prémios e reconhecimentos, Sarah passou grande parte do seu percurso a realizar documentários dedicados a vários artistas, na sua maioria ligados a África.

Com esta ilustração da artista Aicy fazemos assim uma breve abordagem à obra de Sarah Maldoror, mas acima de tudo relembrar a importância do percurso e o seu papel cultural e social.

“ I think it is up to us to defend our own history, to make it known—with all of our qualities and faults, our hopes and despair”.

Sarah Maldoror 1929-2020



Cuidar de nós e dos outros

A situação que estamos a viver trouxe muitíssimas mudanças ao nosso dia-a-dia, algumas das quais podem ser particularmente desafiantes. Por natureza, nós, seres humanos, somos “animais sociais”, o que quer dizer que estar com os outros é para nós uma necessidade básica.

O contacto social é importantíssimo: constrói a nossa maneira de ser e de estar no mundo. Por essa razão, estamos perante um grande desafio, mas temos de saber que a maneira de reagirmos às dificuldades faz toda a diferença. Esta é a altura para cuidarmos de nós e dos outros, de termos paciência connosco mesmos, e de aceitarmos os momentos

de frustração, preocupação ou aborrecimento, sabendo que estas emoções são importantes e completamente normais, e que nos afectam a todos.

Quando estamos em dificuldade, é muito útil dividirmos os problemas em duas categorias: aqueles sobre os quais podemos agir, e aqueles sobre os quais não se pode fazer nada. A maioria dos problemas que nos surgem cabe nesta última categoria, sobretudo na situação actual. Por isso é importante aceitarmos os nossos sentimentos e tentarmos focarmo-nos nas actividades que nos proporcionam prazer e diversão.



Para nos mantermos equilibrados, é importante lembrarmo-nos de que esta situação é temporária, e que cedo voltaremos à normalidade.

O distanciamento social não tem de ser aborrecido! Há muitas coisas que se podem fazer! Aproveita esta altura para descobrir novas competências que não tinhas ainda tido ocasião de explorar. Esta é a altura certa para alimentar a tua curiosidade.

Também é importante que continues em contacto com os teus amigos e colegas de escola: eles também estão a viver momentos difíceis, e juntos podem apoiar-se mutuamente.

Tenta manter uma rotina diária. Dedicar tempo ao estudo, mas encontra também espaço para fazeres as coisas de que gostas. Todos sabemos que o bem-estar passa também pelo corpo, por isso é importante fazermos exercício físico regularmente e dormirmos bem. Só assim poderemos manter o nosso corpo e o nosso sistema de defesas fortes.

Se te sentires muito ansioso, procura praticar exercício físico. Vais ver que te ajuda na gestão do stress. Faz o seguinte: respira lentamente e foca-te nos teus 5 sentidos. Concentra-te em 5 coisas que podes ver, em 4 coisas que podes sentir, em 3 coisas que podes ouvir, em 2 coisas que podes cheirar, e em 1 coisa que podes saborear. Este é um exercício muito simples, que nos ajuda a conectar-nos com o nosso corpo e com o meio ambiente.

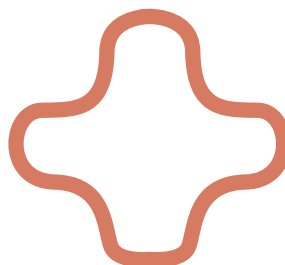
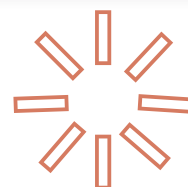
Expressar as emoções é fixe. Cada um de nós tem a sua própria maneira de fazê-lo, e há muitas formas de fazê-lo.

Há quem se dedique ao desenho, à música, ao desporto, e há quem escolha partilhar os seus sentimentos com os amigos, para se sentirem unidos.

O grande desafio que temos pela frente é abrandar e começarmos a valorizar os pequenos momentos da vida.

Para concluir, quero lembrar-vos que é impossível termos o controlo sobre tudo! Mas sobre uma coisa sim, podemos ter total controlo: sobre nós mesmos e sobre cuidarmos de nós.

Anna Pegna



**PROJETO**

Slamadora

ENCONTROS ONLINE DE POESIA SLAM

Com este projeto pretendemos capacitar jovens imigrantes e residentes locais através da poesia slam, a fim de reduzir e prevenir a xenofobia e o discurso de ódio, bem como ações e estereótipos discriminatórios.

Encontros em grupo

Encontros efetuados por videoconferência e destinadas aos estudantes em regime de ensino à distância, e a grupos informais de jovens que tenham interesse.

Encontros individuais

Encontros realizadas por videoconferência e destinadas aos jovens. Esta intervenção tem o objetivo de estimular a capacidade criativa e de aprender a exteriorizar os sentimentos e emoções através do "slam".

Entre em contacto:
Telefone, SMS ou **Whatsapp**

933 250 983

ou email grupobuefixe@gmail.com

Também pelo  ou 
para agendar um encontro

<https://www.youtube.com/watch?v=Ey0DnvkkH0M>



bué fixe

de jovens para jovens

#EM

WWW.FACEBOOK.COM/ASSOCIACAORUEFIXE
WWW.INSTAGRAM.COM/ASSOCIACAORUEFIXE
WWW.ASSOCIACAORUEFIXE.PT

E

ENVIA-NOS PARA GRUPOBUEFIXE@GMAIL.COM
UM CONTEÚDO COM CURIOSIDADES, ATUALIDADES, ARTES, ETC
PARA DESTACARMOS NAS NOSSAS EDIÇÕES FUTURAS.
PARTICIPA!